

A COMPLETA SABEDORIA DO CORPO

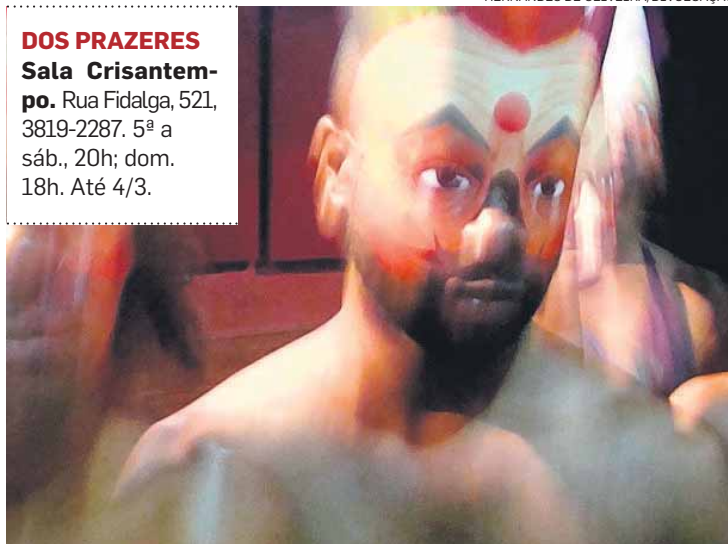
Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

Dos Prazeres, a mais recente produção da E2 Cia de Teatro e Dança, surge como mais um fruto da parceria entre Eliana de Santana e Isadora Dias, que também assinou *...E das Outras Doçuras de Deus*, Prêmio Intérprete-Criador da APCA 2011. Depois de estreitar na Galeria Olido, volta à cena na Sala Crisantempo. O “Prazeres” do título refere-se a Heitor dos Prazeres (1898-1966), compositor, instrumentista e letrista (compôs *Pierrô Apaixonado* com Noel Rosa, por exemplo) que criou um método para o cavaquinho e, em meados dos anos 1930, começou a pintar o mundo do samba (mulatas, malandros, favelas).

- ◆ *Dos Prazeres* interrompe o fluxo da trajetória recente, que vinha sendo povoado pelos solos de Eliana, pois se trata de um trabalho com um grupo. Curiosamente, parecem duas propostas distintas debaixo do mesmo título. A primeira apresenta dois intérpretes cuja presença magnetiza o nosso olhar. Quando Eliana de Santana irrompe em cena, há algo na sua figura que talvez possa ser nomeado de ‘autoridade’. Que outro nome atribuir para aquele tipo de intérprete no qual o contínuo dedicar talha uma propriedade tão impecável em cada gesto? Um intérprete no qual nada sobra, nada falta, aquele cujos gestos habitam o reino da pura justeza? Eliana materializa uma sabedoria do/no corpo.

DOS PRAZERES
Sala Crisantempo. Rua Fidalga, 521, 3819-2287. 5ª a sáb., 20h; dom. 18h. Até 4/3.



HERNANDES DE OLIVEIRA/DIVULGAÇÃO

Proposta. Quando está unido, o grupo busca parecer anônimo

A dança de Leandro de Souza aponta em outra direção. Mistura de pirilampo com gafanhoto, vai emendando intermitências: entre um piscar e outro, com uma leveza na movimentação que parece viver de sopros, desobedecendo a lei da gravidade. Sua dança parece buscar o ar. Os desenhos que sua movimentação vai despejando pelas trilhas que desenha no espaço, simplesmente flutuam, se enredam e se arabescam antes de pousar. Em outro contexto, lembra o jeito único do dançar de Toninho Nóbrega – o que, convenhamos, é uma senhora referência.

Nessa primeira parte estão somente os dois. E a dança de cada um deles se tece no jogo do ver/não ver proposto pela combinação entre a iluminação e o delicado cenário criado pela

própria Eliana e Hernandes de Oliveira. Tomado por tiras de serpentina colorida simetricamente penduradas, o palco se transforma em um esconde-revela que não entrega a inteireza da forma do que lá está acontecendo. Sabiamente, brinca (afinal, é feito de serpentina de Carnaval) com a percepção.

Mas toda essa sofisticação, que anunciava um desenvolvimento dos mais instigantes, se interrompe quando começa a “segunda parte”, aquela na qual o grupo atua. Cabe primeiro lembrar que não se trata de um grupo de dança nos moldes daqueles que se formavam no século 20, mas sim, de um conjunto de pessoas que se reúne para uma atividade pontual. Esse, como tantos outros, nasceu de uma oficina. No ano passado,

entre julho e agosto, em dois encontros semanais de três horas cada, o grupo foi se organizando. Evidentemente, não houve tempo suficiente para fazer nascer uma sintonia mais fina entre os envolvidos.

Aquilo que apresentam como resultado, aliás, é uma excelente legenda para esse modo de funcionar, que vem se popularizando cada vez mais, e que não acontece somente nesse espetáculo. Quando eles se embolam em um todo que nunca ganha forma, pois se modifica constantemente, ao invés de discutirem o tema que declaram ser a sua motivação – o corpo anônimo –, põem-se justamente na direção contrária. Não basta estar grudado em outros corpos para que nasça uma massa informe. No lugar do corpo anônimo, surge um “estamos representando um tipo de estar junto que nos torna anônimos”.

A proposta de ir em direção ao corpo anônimo é estimulante, mas o caminho para nele chegar ainda precisa ser desenhado. O que o grupo agora apresenta não passa de um primeiro rascunho, que ainda precisa de muitos e muitos ajustes na sua concepção. Talvez valha a pena investir na sua construção em separado da “primeira parte”, enfrentando o fato de que aponta para uma produção de outra natureza. E, no caso dela, lembrar das contribuições já feitas por Cristian Duarte e Thelma Bonavita e também por Lia Rodrigues nessa mesma direção.